O essencial é invisível às crianças:

Uma crítica à classificação de "O Pequeno Príncipe" como literatura infantil

Otávio Rafael Velho Lopes

Jéssica Immich

Rosemari Lorenz Martins

Resumo:
Embora tradicionalmente classificada como literatura infantil, a obra *O Pequeno Príncipe* (2009), de Antoine de Saint-Exupéry, apresenta níveis de complexidade simbólica, filosófica e narrativa que desafiam a recepção pelo público infantil. Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão crítica sobre essa classificação, defendendo que a obra é mais apropriada a leitores com maior maturidade interpretativa. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como base teórica os estudos de Nelly Novaes Coelho (2000), Regina Zilberman (2003), Antonio Candido (2006), Aidan Chambers (2007), Maria Clara Freitas (2010), Vera Teixeira de Aguiar (2011), João Paulo Santos (2015), além dos pressupostos Lev Vygotsky (1991) e Maria Nikolajeva (1996). Os resultados da análise apontam que o denso simbolismo e a crítica à lógica dos adultos exigem um repertório que ultrapassa a competência leitora da infância. Conclui-se que O Pequeno Príncipe se configura como uma obra poética sobre a infância, mas não necessariamente uma produção destinada para crianças.
Palavras-chave: O Pequeno Príncipe. Literatura infantil. Formação do leitor.

Abstract:
Although classified as children's literature, Antoine de Saint-Exupéry's The Little Prince presents levels of symbolic, philosophical, and narrative complexity that challenge its reception by a child audience. This article aims to propose a critical reflection on this classification, arguing that the work is more appropriate for readers with greater interpretative maturity. Methodologically, a qualitative bibliographic research was conducted, theoretically grounded in the studies of Nelly Novaes Coelho (2000), Regina Zilberman (2003), Antonio Candido (2006), Aidan Chambers (2007), Maria Clara Freitas (2010), Vera Teixeira de Aguiar (2011), and João Paulo Santos (2015), as well as the premises of Lev Vygotsky (1991), Maria Nikolajeva (1996), and the guidelines of the National Common Curricular Base (BNCC, 2017). The results of the analysis indicate that the dense symbolism and the critique of adult logic require a repertoire that exceeds the reading competence of childhood. It concludes that The Little Prince configures as a poetic work about childhood, but not necessarily a production intended for children.
Keywords: The Little Prince. Children's literature. Reader Formation.

INTRODUÇÃO

A formação do leitor tem relação direta com o trabalho docente. A partir de recomendações do professor, o estudante entra em contato com um mundo fantástico ainda desconhecido por ele, por meio do qual serão formadas sua subjetividade e sua visão de mundo. Nesse contexto, surge a presente pesquisa, que pretende analisar a obra *O Pequeno Príncipe* para compreender a qual público ela se destina efetivamente. Sendo essa uma obra popular nas salas de aula da Educação Básica e uma das mais conhecidas mundialmente, torna-se relevante compreender seu público-alvo.

Escrito pelo francês Antoine de Saint-Exupéry e publicado originalmente em 1943, o livro se destaca por seu estilo lírico, suas ilustrações delicadas e uma narrativa protagonizada por uma criança oriunda de outro planeta. Embora *O Pequeno Príncipe* apresente características que remetem ao público infantojuvenil, sua narrativa é marcada por simbolismos, questionamentos existenciais e reflexões filosóficas que podem demandar maior maturidade cognitiva e interpretativa por parte do leitor (Zilberman, 2003). Nessa perspectiva, Freitas (2010) destaca a complexidade simbólica da obra, que possibilita diferentes níveis de interpretação para além da compreensão literal. Da mesma forma, Santos (2015) ressalta que a construção metafórica da narrativa exige do leitor a capacidade de compreender sentidos abstratos, favorecida por um repertório de experiências e conhecimentos prévios.

Para além de sua superfície encantadora e da figura cativante do Pequeno Príncipe, a obra mergulha em discussões profundas sobre solidão, efemeridade, amor, vaidade e sentido da vida, temáticas que são tratadas com uma sutileza que requer do leitor uma bagagem de experiências e conhecimentos prévios para serem plenamente compreendidas. A linguagem simbólica e a construção metafórica dos personagens, como a rosa, a raposa e o aviador, demandam uma leitura que ultrapassa a decodificação literal do texto, exigindo um grau de subjetividade que crianças dos Anos Iniciais dos Ensino Fundamental, em geral, ainda não dominam. Nesse sentido, é possível argumentar que a inclusão de *O Pequeno Príncipe* nos

currículos escolares, especialmente nas etapas iniciais da Educação Básica, não considera adequadamente as competências leitoras típicas da infância, podendo resultar em uma leitura superficial ou meramente decorativa da obra.

Diante disso, este estudo propõe uma reflexão crítica sobre os critérios utilizados para classificar obras como literatura infantil, destacando a importância de considerar, além dos aspectos formais, as demandas cognitivas e simbólicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A classificação de *O Pequeno Príncipe* como literatura infantil demanda uma reflexão crítica sobre o próprio conceito de literatura infantil. Para Vera Teixeira de Aguiar (2011), essa literatura não se define pela simplicidade, mas pela capacidade de formar leitores críticos a partir de múltiplos níveis de leitura. Nessa mesma direção, Regina Zilberman (2003) observa que a obra apresenta complexidade simbólica e filosófica que ultrapassa a compreensão infantil tradicional e dialoga com públicos diversos.

Antônio Candido (2006) sustenta que a literatura de qualidade oferece reflexões de alcance universal, o que permite ler a obra como texto que não se encerra no público infantil. Aidan Chambers (2007), por sua vez, defende uma formação leitora que estimule a leitura crítica sem submeter o leitor a categorias etárias rígidas. Esses autores fundamentam a premissa de que a faixa etária não deve ser o critério único de classificação.

Essa abordagem depende, no entanto, da mediação. Nelly Novaes Coelho (2000) destaca o papel do mediador na leitura, condição para que a obra possibilite interpretações diversas. Lev Vygotsky (1991), a partir de sua perspectiva sócio-histórica, indica que o sentido de um texto se constrói na relação com o contexto e com a maturidade do leitor. Assim, a classificação infantil mostra-se insuficiente para abarcar a complexidade da obra.

SOBRE O AUTOR

Figura 1: Antoine de Saint-Exupéry



Fonte: Sonhos de Letras. Disponível em:

https://sonhosdeletras.com.br/escritor-09-antoine-de-saint-exupery/

Antoine de Saint-Exupéry (1900–1944) foi um escritor, ilustrador e aviador francês cuja trajetória de vida singular influenciou profundamente sua obra literária. Nascido em Lyon, Antoine de Saint-Exupéry desenvolveu desde cedo uma sensibilidade artística e um fascínio pelo voo, duas dimensões que se tornariam marcas indissociáveis de sua produção. Sua carreira como piloto, especialmente durante sua atuação como aviador postal e, posteriormente, como piloto militar na Segunda Guerra Mundial, forneceu não apenas o pano de fundo temático para muitas de suas obras, mas também a perspectiva existencial que permeia seus escritos.

Sua literatura é marcada por uma combinação de lirismo, humanismo e filosofia. Obras como *Correio do Sul* (1929), *Voo Noturno* (1931) e *Terra dos Homens* (1939) evidenciam um profundo comprometimento com a experiência humana diante da solidão, da morte, da ética e da responsabilidade. No entanto, foi com *O Pequeno Príncipe* (*Le Petit Prince*, 1943) que Saint-Exupéry alcançou projeção mundial, consagrando-se como uma das vozes mais originais da literatura do século XX.

Publicada em plena guerra e nos Estados Unidos, onde o autor vivia exilado, *O Pequeno Príncipe* condensa, em forma de fábula poética, os temas centrais de sua filosofia de vida: a crítica à racionalidade excessiva do mundo adulto, a valorização dos vínculos afetivos e a busca pelo essencial invisível aos olhos. A obra é um convite à reconexão com a dimensão sensível da existência.

Saint-Exupéry desapareceu em 1944, durante uma missão de reconhecimento no Mar Mediterrâneo, e seu corpo jamais foi encontrado. Sua morte precoce reforçou o caráter mítico de sua figura, consolidando-o como um autor cuja vida e obra se entrelaçam de forma profundamente simbólica. A leitura de *O Pequeno Príncipe* pode ser enriquecida pela consideração de aspectos biográficos de Antoine de Saint-Exupéry, os quais oferecem possibilidades de interpretação das nuances existenciais presentes na obra e de suas inquietações de caráter universal.

A FALSA APARÊNCIA DE LITERATURA INFANTIL

À primeira vista, *O Pequeno Príncipe* parece atender aos critérios típicos da literatura infantil, sua linguagem é simples e acessível, com frases curtas e vocabulário direto, os personagens são encantadores e facilmente identificáveis, como a criança-protagonista, a raposa e a rosa, os planetas visitados evocam mundos mágicos e imaginativos e, além disso, as ilustrações coloridas feitas pelo próprio autor reforçam a aura lúdica da obra. Essa combinação estética pode induzir o leitor, especialmente o adulto mediador, a esperar uma narrativa leve, didática e adequada à compreensão de crianças pequenas, no estilo das histórias tradicionais para o público infantil.

Contudo, esse revestimento aparentemente simples oculta um simbolismo profundo. Cada elemento narrativo funciona como uma alegoria que reflete aspectos complexos da condição humana. A flor vaidosa, por exemplo, é um símbolo do amor possessivo e da fragilidade emocional; a serpente, com sua ambiguidade entre ameaça e libertação, remete à inevitabilidade da morte e à transformação; a raposa personifica a necessidade de vínculos afetivos e o processo de “cativar”, ou seja, criar laços significativos. Os personagens dos

planetas visitados pelo Pequeno Príncipe representam diversos traços humanos, a vaidade, o poder vazio, a solidão, a alienação e a incomunicabilidade, funcionando como uma crítica sutil e profunda às relações sociais e existenciais.

A dualidade entre a aparência infantil de *O Pequeno Príncipe* e a profundidade de seus simbolismos filosóficos, éticos e existenciais pode contribuir para interpretações superficiais da obra. Nesse sentido, Coelho (2000) permite refletir sobre a importância de considerar a riqueza literária e os múltiplos sentidos do texto, evitando interpretações que desconsiderem o contexto das metáforas e as críticas sociais e existenciais presentes na narrativa. Tal superficialidade de leitura pode comprometer a compreensão das camadas mais densas e a riqueza interpretativa que o texto oferece, colocando em questão a verdadeira adequação da obra para o público infantil, para quem esses conceitos abstratos são, em grande parte, inacessíveis.

COMPLEXIDADE SIMBÓLICA E FILOSÓFICA

A força de *O Pequeno Príncipe* reside justamente na densidade que permeia sua construção narrativa. Longe de oferecer apenas uma aventura lúdica em planetas imaginários, a obra opera como uma crítica sensível e, por vezes, contundente, aos comportamentos e valores da vida adulta. Cada personagem encontrado pelo protagonista em sua jornada interplanetária representa uma metáfora de vícios e limitações humanas. O rei representa o autoritarismo vazio e a obsessão pelo controle, o vaidoso encarna a necessidade constante de validação e aplauso, o empresário reflete a lógica capitalista da acumulação sem sentido, o bêbado representa a fuga da realidade e o ciclo vicioso do sofrimento, o geógrafo, por sua vez, denuncia o saber que se distancia da experiência, do contato vivo com o mundo.

Além dessas críticas sociais e existenciais, a obra aborda temas de extrema complexidade emocional e filosófica, como a morte, simbolizada pela serpente, a efemeridade do amor, representada pela rosa frágil e vaidosa e a importância da amizade e

da criação de vínculos, ensinamentos transmitidos pela raposa. Tais temas exigem um nível de abstração e amadurecimento emocional que ultrapassa, em grande medida, as capacidades cognitivas e afetivas das crianças em fase de alfabetização ou em primeiros contatos com a literatura. A frase "o essencial é invisível aos olhos", apresentada no diálogo entre o Pequeno Príncipe e a raposa, sintetiza uma das principais reflexões da obra: a valorização dos sentimentos, dos vínculos afetivos e dos aspectos subjetivos da existência. Nesse sentido, a narrativa propicia reflexões sobre a condição humana, incentivando a introspecção, a contemplação e a revisão de valores, especialmente por parte de leitores capazes de interpretar criticamente os sentidos filosóficos e simbólicos presentes no texto (Candido, 2006).

LINGUAGEM E ESTRUTURA NARRATIVA ABSTRATA

A linguagem de *O Pequeno Príncipe* alterna entre a simplicidade da fala do protagonista infantil e a densidade reflexiva da voz do narrador-adulto, criando uma dualidade estilística que exige atenção, maturidade emocional e bagagem de leitura por parte do leitor. Essa oscilação entre o olhar inocente e questionador da criança e as distrações subjetivas do narrador adulto não apenas tensiona os limites do gênero infantil, como também demanda um nível de abstração que vai além da experiência leitora da maioria das crianças. Segundo Nikolajeva (1996), obras literárias que apresentam uma linguagem bifocal podem dialogar simultaneamente com leitores de diferentes faixas etárias e níveis de desenvolvimento cognitivo. Essa característica exige que o leitor transite entre diferentes possibilidades de interpretação, compreendendo tanto os sentidos mais explícitos quanto os significados simbólicos e subjetivos da narrativa. Nesse contexto, a leitura dessas obras pelo público infantil pode ser favorecida pela mediação, que contribui para a construção de sentidos e para a compreensão de suas múltiplas camadas interpretativas.

Além disso, a estrutura narrativa de *O Pequeno Príncipe* se distancia da linearidade tradicional presente nas histórias voltadas à infância, que geralmente apresentam um enredo com começo, meio e fim claramente definidos, conflitos explícitos e resoluções

conclusivas. No lugar disso, a obra se organiza como uma sequência de encontros simbólicos, interrompidos por flashbacks, digressões existenciais e episódios sem conexão causal direta, o que aproxima sua estrutura da narrativa fragmentária e meditativa típica da literatura existencialista. A ausência de um antagonista claramente definido, de um conflito central explícito e de um desfecho conclusivo torna a narrativa de *O Pequeno Príncipe* aberta a diferentes interpretações. Essa estrutura pode representar um desafio para leitores em fase inicial de desenvolvimento, uma vez que a compreensão dos elementos simbólicos e abstratos está relacionada ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Nessa perspectiva, Vygotsky (1991) contribui para compreender a relação entre o desenvolvimento cognitivo e a construção de significados, destacando a importância dos processos de aprendizagem e da mediação na formação do pensamento.

Zilberman (2003) permite refletir sobre a importância de considerar as características do desenvolvimento do leitor e sua capacidade de compreensão na escolha e na abordagem de obras literárias. Sob essa perspectiva, *O Pequeno Príncipe* ocupa uma posição particular, pois, embora apresente elementos que remetem à literatura infantil, sua construção narrativa exige atenção às metáforas, às lacunas de sentido e aos simbolismos presentes no texto. Essa complexidade pode ser relacionada ao conceito de leitor-modelo, proposto por Eco (1994), segundo o qual a construção de sentidos de uma obra pressupõe um leitor capaz de mobilizar determinadas competências interpretativas. Assim, a narrativa possibilita diferentes níveis de leitura, que podem ser explorados de acordo com o repertório e a maturidade interpretativa de cada leitor.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS E LEITORAS

A adoção indiscriminada de *O Pequeno Príncipe* como leitura destinada ao público infantil pode provocar equívocos pedagógicos. Embora o livro apresente elementos visuais atrativos, como ilustrações delicadas feitas pelo próprio autor e a figura encantadora do pequeno príncipe, sua recepção por crianças pequenas tende a ser superficial, quando não

desinteressada, devido à dificuldade em compreender as mensagens simbólicas e filosóficas centrais da obra. Zilberman (2003) possibilita compreender que a classificação de uma obra como literatura infantil deve considerar não apenas suas características formais, mas também a relação entre seu conteúdo e as competências interpretativas do público leitor. Nesse sentido, a escolha de textos literários precisa levar em conta o horizonte de expectativas e a capacidade de compreensão das crianças, de modo que a leitura seja significativa e favoreça a construção de sentidos.

A partir disso, torna-se fundamental o papel do professor, do mediador de leitura e da família na mediação da obra. A leitura de *O Pequeno Príncipe* exige não apenas acompanhamento, mas também contextualização crítica, capaz de guiar o leitor pelas camadas simbólicas do texto e estimular uma escuta sensível e interpretativa. Aguiar (2011) contribui para a reflexão sobre a importância da literatura na formação do leitor e sobre as diferentes possibilidades de interpretação que uma obra literária pode oferecer. Em *O Pequeno Príncipe*, temas como o amor, a amizade, a morte e o sentido da existência permitem abordar questões relacionadas à experiência humana e à construção de valores. A presença desses temas, associada à complexidade simbólica da narrativa, possibilita leituras mais aprofundadas, especialmente quando o leitor dispõe de repertório e maturidade interpretativa para explorar os sentidos implícitos no texto.

Chambers (2007) contribui para a reflexão sobre a importância da mediação literária na formação do leitor, considerando que o contato com uma obra pode favorecer a construção de sentidos a partir das experiências e interpretações individuais. Nesse processo, a compreensão do texto está relacionada à possibilidade de o leitor estabelecer conexões entre a narrativa e suas próprias vivências, tornando a leitura uma experiência significativa. Quando oferecida a crianças sem o devido suporte interpretativo, *O Pequeno Príncipe* corre o risco de ser reduzido a um conjunto de imagens bonitas e frases de efeito, esvaziado de seu verdadeiro valor literário. Portanto, sua utilização pedagógica deve ser criteriosa, priorizando faixas etárias que possam dialogar com sua densidade simbólica, como em disciplinas de filosofia, literatura ou projetos interdisciplinares de formação humanística no ensino médio ou no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A BNCC E A LITERATURA INFANTOJUVENIL: DIRETRIZES E DESAFIOS NA CLASSIFICAÇÃO DE O PEQUENO PRÍNCIPE

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca o papel fundamental da literatura na formação dos estudantes da Educação Básica. Segundo o documento, "o trabalho com a literatura e os textos literários contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação, da criatividade e da capacidade crítica dos estudantes" (Brasil, 2017, p. 124). Essa valorização reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam uma leitura rica e diversificada, capaz de despertar múltiplas competências.

Entre as competências gerais da BNCC, ressalta-se a necessidade de "utilizar diferentes linguagens para expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diversos contextos" (Brasil, 2017, p. 21). Dessa forma, a literatura não é apenas um objeto de estudo, mas uma ferramenta para o desenvolvimento integral, que envolve habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

Por outro lado, o próprio documento enfatiza que "a mediação do professor é fundamental para que as práticas de leitura e interpretação de textos literários promovam o desenvolvimento integral dos estudantes, considerando suas especificidades e níveis de compreensão" (Brasil, 2017, p. 125). Esse aspecto é particularmente relevante para a discussão acerca da classificação de *O Pequeno Príncipe* como obra infantil, uma vez que sua profundidade e seus questionamentos existenciais podem representar desafios à compreensão de leitores em determinadas etapas do desenvolvimento, o que reforça a importância de uma mediação pedagógica adequada às diferentes faixas etárias e aos níveis de maturidade dos leitores.

Assim, embora *O Pequeno Príncipe* seja frequentemente incluído no repertório da literatura infantojuvenil, a BNCC orienta que a escolha e a mediação das obras literárias devem respeitar as competências e o nível de maturidade dos estudantes, para que a experiência leitora seja produtiva e adequada. Essa perspectiva fundamenta a crítica de que a

classificação do livro como literatura infantil pode ser problemática, pois nem sempre atende às condições pedagógicas indicadas pelo documento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Classificar *O Pequeno Príncipe* como literatura infantil é uma prática recorrente no mercado editorial e no ambiente escolar, talvez porque a obra de Antoine de Saint-Exupéry incorpora elementos lúdicos, personagens fantásticos e uma narrativa aparentemente simples. Sua essência, todavia, parece residir em uma profunda densidade simbólica, filosófica e existencial que extrapola os limites da compreensão infantil convencional. Dessa forma, vai além de um livro para crianças, estando mais para um livro sobre a infância.

A narrativa propõe reflexões sobre temas como a solidão, a morte, o amor, a responsabilidade afetiva e o sentido da vida, assuntos que exigem certo grau de maturidade emocional e cognitiva para serem plenamente apreendidos. Ao dialogar com o leitor em um nível metafórico e introspectivo, *O Pequeno Príncipe* posiciona-se mais como uma alegoria da experiência humana do que como um conto infantil tradicional. Sua simplicidade, nesse sentido, é apenas aparente: sob a superfície poética, há uma estrutura narrativa sofisticada e uma tessitura simbólica que convoca a leitura crítica e interpretativa.

Diante disso, torna-se necessário repensar a forma como a obra é apresentada nos contextos pedagógicos e nas estantes classificatórias da literatura infantojuvenil. Reduzir sua leitura ao plano do entretenimento infantil é desconsiderar sua potência enquanto obra literária complexa, capaz de interpelar leitores de diferentes idades, especialmente os adultos, que, como o narrador da história, são convidados a revisitar suas escolhas, valores e afetos. Valorizar essa complexidade não apenas amplia as possibilidades de leitura e discussão da obra, como também contribui para a formação de leitores mais sensíveis e críticos.

A lição deixada pelo príncipe, “o essencial é invisível aos olhos”, ilustra a própria natureza da obra: para compreendê-la, é preciso um olhar que vá além da superfície, um olhar sensível, quase intuitivo. Talvez por isso a verdadeira interlocução proposta pelo livro

não seja restrita ao público infantil, mas alcance também os adultos, convidando-os a resgatar a sensibilidade, a imaginação e a capacidade de perceber aspectos da existência que ultrapassam as aparências. Sob essa perspectiva, aprender a "ver com o coração" constitui uma experiência humana que transcende as faixas etárias, conferindo à obra um alcance que vai além da literatura destinada exclusivamente às crianças.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura Infantil:** teoria, análise e ensino. São Paulo: Ática, 2011.

AGUIAR, Vera Teixeira de**. Literatura:** a formação do leitor: alternativas metodológicas. 6. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação básica. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem.** São Paulo: Ouro sobre Azul, 2006.

CHAMBERS, Aidan**. O leitor do futuro:** práticas de leitura na escola e na biblioteca. Tradução de Beatriz Sidou. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

FREITAS, Maria Clara. **Simbolismo e leitura crítica em O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Editora Educação, 2010.

NIKOLAJEVA, Maria. **Children's Literature Comes of Age:** Toward a New Aesthetic. New York: Garland Publishing, 1996.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe.** Tradução de Dom Marcos Barbosa. São Paulo: Agir, 2009.

SANTOS, João Paulo. **Metáforas e significados na literatura infantil:** um olhar sobre O Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Casa do Saber, 2015.

SONHOS DE LETRAS. Antoine de Saint-Exupéry. Disponível em: https://sonhosdeletras.com.br/escritor-09-antoine-de-saint-exupery/.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **O Pequeno Príncipe e a complexidade da infância.** Revista de Literatura Infantil, v. 12, n. 3, p. 45-60, 2003.

SOBRE OS AUTORES

Otávio Rafael Velho Lopes é mestrando em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale. Graduado em Letras - Português/Inglês pela mesma instituição. E-mail: otaviolopes00@gmail.com

Jéssica Immich é graduanda em Letras - Português/Inglês pela Universidade Feevale.

Rosemari Lorenz Martins é doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feevale.